

O homem como razão e como violência na lógica da filosofia de Eric Weil

Ylfa Ariadne Oliveira Paiva *

Marco Cesar de Souza Melo*

RESUMO:

O escopo deste artigo é expor o pensar weiliano no que toca à questão do homem como ser ao mesmo tempo passível de racionalidade e violência conforme a passagem introdutória da obra fundamental de Eric Weill, *Lógica da Filosofia*. Weil critica o conceito de homem conservado pela tradição, seja científica ou filosófica, de *ser racional*. Weil propõe uma análise do humano na qual aparecem características que rompem com esta concepção tradicional. O referido autor utiliza as categorias de razoabilidade e violência para indicar posicionamentos distintos do ser homem e que, por conseguinte, revelam o limite e a unilateralidade do conceito tradicional. O homem weiliano é, sobretudo, abertura para a possibilidade de razoabilidade ou violência. Norteadado pela primeira assume a tarefa de construir seu ser pelo desenvolvimento da razão que é de início somente potência. Orientado pela segunda se afasta da razão e se exclui da tarefa da negatividade que conduz ao contentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Razão. Violência. Homem comum. Filósofo.

The man as reason and violence in the logic of philosophy by Eric Weil

ABSTRACT:

The scope of this article is to expose the Weil's thinking as regards to man as being at the same time liable of rationality and violence in accordance with the introduction of the fundamental work of Eric Weil, *Logic Philosophy*. Weil criticizes the concept of man preserved by tradition, scientific or philosophical, to rational being. Weil suggests a analysis of man in which appear features that break with this traditional meaning. The cited author uses the categories of reasonableness and violence to indicate different positions of a man, that, therefore, reveal the limit and the one-sidedness of the traditional concept. The Weil's man is, above all, openness to the possibility of reasonableness or violence. Guided by first, assumes the task of building his being by

development of reason, which is initially in power. Oriented by second, moves away from the reason and excludes of the task of negativity that leads to contentment.

Key-words: Reason. Violence. Common man. Philosopher.

Introdução

O presente trabalho atenta para a especulação da definição de homem presente na introdução da *Lógica da Filosofia* de Eric Weil. Visa apresentar a conceituação fundamental de homem empreendida pelo autor e suas elucubrações sobre a insuficiente definição clássica de homem apenas como *animal racional*, para direcionar-se à apropriação de elementos caracterizantes mais eficazes no intento de contemplar em tal definição justamente sua condição de ser dotado de *razão e violência*. Ainda que a obra apresente todo o arcabouço das categorias da Lógica Weiliana, esse texto pretende apenas apresentar a condição do homem enquanto *possível razoabilidade e violência*, não adentrando estrutura da lógica articulada pelo autor.

O Homem enquanto razão

Ao longo do tempo o homem recebeu inúmeras definições pretensiosas de dizerem o que ele é. Uma, porém, predomina como absolutamente significativa. Eleita pela tradição religiosa e filosófica¹⁵⁵, ela sobrepuiu as demais influenciando o nosso pensar sobre si e sobre a nossa civilização: é a definição de homem como *animal racional*, animal dotado de razão e de linguagem razoável, definição essa reconhecida como mais significativa.

³ Cf. WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012.

Em tal definição os termos *logos* e *ratio* equiparam-se como elementos constituintes do mesmo conceito, mesmo que este se refira a calculabilidade e à reflexão e aquele ao discurso ou à palavra. A ideia de razão como a compreendemos, conforme Weil na introdução de sua *Lógica da Filosofia*, encerra ao mesmo tempo as dimensões discursiva, do pensar exato e reflexiva.

Ora, haveriam muitos termos calçados nas ciências positivas capazes de melhor explicitar o homem por enumerarem características próprias, significativas, passíveis de elevá-lo a um patamar diferenciado em relação aos demais animais e muito menos confusos que razão e linguagem coerente¹⁵⁶. Tais termos seriam mesmo viáveis na tentativa de definição do homem enquanto tal? Seriam eles os sinais distintivos mais apropriados para designar o homem?

Weil atenta para o fato dos cientistas deixarem essa tão significativa decisão a cargo dos filósofos, preferindo aterem-se às características concernentes a delimitação própria de sua área de estudos, a qual não pode precisar sobre uma definição que mais parece assentar-se no senso comum do que em dados verificáveis, uma vez que razão e linguagem razoável não são aspectos apreensíveis pela objetividade necessária ao saber científico. Aliás, não poderia o cientista coroar a definição do homem enquanto tal com atributos por demais simplistas, pois que estes são caros para os manuais de descrição de espécimes confeccionados pela ciência, mas não seriam convenientes para definir o homem em sua dignidade e excelência.

Aqui o filósofo é compreendido como apropriador sistemático do saber oriundo do senso comum. Mesmo a ele cabendo essa função aparentemente menor diante da precisão da ciência cabe-lhe um mérito relevante, visto que para além da esfera das especialidades todo indivíduo é partícipe da dimensão da vulgar vida cotidiana. Mas a definição do homem enquanto racional e razoável é posta em xeque pelo próprio

⁴ Cf. WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012.

filósofo na medida em que esta não pode ser universalizada no conceito que pretende explicitar. Nem todos os indivíduos nele enquadráveis podem ser ditos razoáveis, nem os mais razoáveis o são de forma constante.

Como pode então o dizer formal do que vem a ser o homem enquanto objeto do saber filosófico pretender inquestionabilidade? Os pressupostos presentes no conceito são, por vezes, corrompidos nos particulares; nessa corrupção consiste o fundo do fazer filosófico, sem ela não haveria necessidade do filosofar. É porque nem sempre o homem lança mão da razão que o filósofo tem uma problemática sobre a qual se debruçar. A especulação weiliana aponta para a percepção da falibilidade da conceituação plena do homem enquanto ser de razão, delimitação essa que pretendeu figurar ao longo da história como máxima aceção do homem enquanto tal.

Os filósofos – e, portanto provavelmente seus mandantes também – não estão muito convencidos de sua própria definição; em todo caso parecem conservar algumas dúvidas, se não quanto ao valor da formulação, ao menos no que tange ao direito e à possibilidade de aplicá-la a todos os indivíduos incluídos, também para todo o mundo, no conceito de *homem*. O homem é razoável; os homens o são? O filósofo se for sincero e egoísta, deverá responder com um decidido não, caso contrário não teria função a desempenhar. Não sabemos muito bem o que significa ser razoável, mas seja lá o que for, os filósofos o são de maneira eminente – e o que seria deles se essa distinção lhes fosse tomada?¹⁵⁷

Então, de que forma pode o homem (na multiplicidade de individuações do gênero) ser dito dotado ou guiado pela razoabilidade? O homem é só razão? Esta é sua máxima característica? Se o é, então por que nem sempre ela governa o discurso e o agir do homem? Se ser racional é predicado universal do sujeito homem, atributo da ideia homem, devemos admitir que na concretude de sua dimensão fenomênica, os homens

⁵ WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p. 12.

são dotados de razoabilidade, mas não apenas dela.

Mesmo que aos filósofos faltasse egoísmo, ou sinceridade, eles sempre admitiriam que o homem concreto, o indivíduo, não é pura e simplesmente razoável. Sim, ele não é destituído de razão; mas ele a possui num grau mais ou menos elevado: talvez não chegue nunca a posse da razão plena; nem por isso deixa de ser garantido que ele pode ser desprovido dela, que existem animais que tem tudo do homem no sentido das definições científicas, até mesmo a linguagem, e que não possuem o essencial no sentido do filósofo: loucos, cretinos, *hominis minime sapientes*. Embora lamentável esse fato não pode ser contestado: o homem em certos momentos e em certos lugares, não foi suficientemente destituído de razão para matar filósofos?¹⁵⁸

Toda a problemática da identificação plena do homem com a razão reside nessa inconstância de sua presença. O atributo considerado fundamental na caracterização do homem é excessivamente variável, não uniforme, corrompedor da possibilidade de unidade. Não é possível, assim sendo, definir o homem apenas como ser de razão; essa definição, pela variação de graus, se faz insuficiente e volúvel. Partindo desse pressuposto, a definição científica também fica comprometida: a ciência exige precisão e inquestionabilidade; o homem em sua definição, porém, não se sujeita de forma satisfatória a especificações tão estreitas e limitadas como a pretensão científicista de dizer o que as coisas são¹⁵⁹.

A ciência é ineficaz em definir o homem enquanto tal por seus métodos usuais, uma vez que ser homem é mais que a enunciação de um punhado de características compartilhadas. Cabe a ela ceder à definição não-científica, ancorada na tradição e na filosofia, de compreendê-lo como dotado de razão e de linguagem razoável por mais que cotidianamente pareça distanciado dessa condição de animal que se realiza enquanto racional, mas que enquanto ser pensado pela razão não pode ser qualificado apenas por

⁶ Ibidem, p.13.

⁷ Ibidem.

características biológicas diferenciadoras do restante dos animais. A pretensão filosófica de defini-lo não se pauta no propósito de dizer o que ele é em função do reconhecimento da espécie e sim na busca de sua plenitude, a qual depende justamente do uso de suas faculdades racionais.

Nem sempre o homem usa de sua razão e linguagem para mover-se no mundo, mas precisa delas para poder dizer-se homem. Enquanto entidade biológica já é ser dado, enquanto constructo de sua razão é potência de ser na medida em que pode fazer-se homem pelo uso da razão e da linguagem. O que o homem é? É devir, é constante possibilidade de fazer-se, de determinar suas escolhas e seus limites, é o “ser do qual definição alguma pode ser dada, nem mesmo por ele próprio, mas que se define a cada instante (a cada instante que quer ser ele próprio), isto é, põe limites entre o que ele quer e o que ele não quer” (WEIL, 2012, p. 15).

O devir do homem consiste justamente nessa impossibilidade de determinar-se como estrutura acabada, nessa condição de ser o que não é e não ser o que é, dado o fato de razão e linguagem estarem nele, porém precisarem ser efetivadas. Weil afirmará que a definição de homem não consiste apenas numa auto-definição de características explícitas, mas no delimitar do que ele quer ser. Definir não é apresentar a forma acabada do homem, mas insinuar sua condição de explicitador dessa forma que não é estática, que se faz a cada instante pelo próprio homem. É ele quem se constrói como tal, não podendo ser encerrado numa conceituação estática de si mesmo.

Se em um primeiro momento essa definição de homem soa como contraditória (afinal o que Weil afirmou até aqui é que o homem define-se como ser que não pode ser definido), ela não é de todo insalutar, pois não incorrendo em arbitrariedade (já que a construção do homem weiliano se dá numa perspectiva dialética) não prejudica a busca pela compreensão de si empreendida pelo homem. Ela nos permite enunciá-lo como ser caracterizado precisamente por essa contradição. A questão significativa aqui é: se a

definição pretendida pelas ciências humanas visava reconhecer o homem como ser que em sua essência busca a perfectibilidade, em nada ela contribui para essa realização, pois não pode pensá-lo de outra forma que não fosse essa abertura constitutiva própria da noção de ser que se constrói ao invés de percorrer os caminhos de uma essencialidade já definida.

O homem sabe que ele não é de uma vez por todas, que ele não pode tornar-se (legitimamente, se aceita para si essa definição) uma coisa, um objeto dado, que ele só pode se realizar se não esquecer que ele não é real com aquela realidade das coisas (*res*) que se definem positivamente por seu gênero e por sua diferença específica ou pelo procedimento que permite engendrará-las.¹⁶⁰

Se a concepção de essência do homem pretendida pelas ciências humanas eleva-se a perfectibilidade e a busca da efetivação dessa essência como algo fixo, com uma meta que a ser alcançada, lança o homem numa espécie de estaticidade atarácica e a contraditoriedade reconhecida como inerente a ele adquire uma condição discrepante. As questões essenciais que tal definição pretendia orientar não são em nada explicitadas por tal noção de essencialidade e o homem sabe que não sendo objetivável não pode almejar apresentar-se na segurança das distinções específicas, porém superficiais do que ele é.

Não sendo possível a partir daqui identificar um eixo norteador para a busca da realização humana plena, Weil questiona então o significado dessa razoabilidade. O que isso realmente quer dizer? Não podemos até aqui dizer o que essa razão ou razoabilidade da qual devemos nos valer para guiar nosso mover-se no mundo. Não dispondo de afirmação positiva do que é a razão apelamos para a enunciação daquilo que ela não é:

(...) não é a qualidade de uma coisa, de um objeto que o homem encontra, que ele acha no mundo, assim como ele acha aí árvores e a cor verde, e depois o

⁸ Cf. WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p.15.

vermelho, e enfim o marrom de suas folhas. A razão não se descreve do exterior, como um outro, ela descreve a si mesma, se é que se descreve: ela se coloca em movimento, ela se engendra, se produz, ela só é objeto porque – e na medida em que – é sujeito, ela só é sujeito ao se separar de tudo que é somente objeto e a isso se contrapor¹⁶¹.

Depreende-se então que toda tentativa de predicar essa razão, se não é falha, é precipitada por suscitar interpretações equivocadas. A razão que é só pode ser pensada enquanto ato puro¹⁶² e culmina com aquela realidade transcendente a qual os filósofos recorrem sempre que se incubem da tarefa de buscar pelo fundamento do ser e, portanto de toda descrição possível. Mas essa realidade não pode ser apropriada pelo discurso porque o que é ato puro não carece de nada (nem de predicados), figurando como “supra-ser” indefinível, que não pode ser dito. Eis a aporia da predicação da razão e consequentemente do homem como ser racional. Apesar das diferenças, todos os homens se reconhecem sob a insígnia da razão sem poder especificar de forma objetiva o que ela vem a ser.

Debruçar-se sobre a concepção filosófica de homem exige ocuparmo-nos da razão relevando o fato de que, embora ela seja predicado indispensável na articulação do conceito, a manifestação do homem enquanto indivíduo, geralmente furta-se a ele. É porque não somos razoáveis no âmbito da facticidade, muito embora dotados de razão, que devemos nos ocupar do direcionar-se a tal categoria.

Não havendo condição de partirmos da definição do que a razão é e compreendido o homem fático como negação da razoabilidade que deveria concernir-lhe, partiremos da negação na busca da identificação do que falta ao homem para efetivar sua razoabilidade. Para tal, valer-nos-emos da ideia de homem enquanto negatividade

⁸ Ibidem, p.16.

¹⁰ Para valer-se da terminologia aristotélica. Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica* vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa, Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

presente no pensamento de Hegel: o homem é um animal que quer algo de si próprio e para si próprio¹⁶³, que é biológico, mas não se esgota apenas nessa esfera sendo dotado de necessidades que estão para além daquelas naturalmente nele impressas, necessidades por ele cunhadas. Coloca-se para além da dimensão natural, negando como ser da natureza (biológica) apenas, constrói-se como algo para além dessa natureza.

(...) o homem não é aquilo que ele é, porque ele não quer ser aquilo que ele é, porque ele não está contente em ser aquilo que ele é, em ter o que é. Ele é o animal que fala, um dos animais que fala, mas é o único animal que emprega a linguagem para dizer não. Outros seres vivos além dele sabem se expressar e se fazer compreender por seus pares e até por outras espécies: só o homem sabe falar sobre o que não é. Fala sobre o que ainda não é, sobre o que não é mais, e fracassa lamentavelmente assim que tenta falar sobre o eu é¹⁶⁴;

Sim, o homem só diz com eficiência aquilo que *não é*, só o ímpeto da negação é preciso em sua linguagem. A linguagem razoável é essencialmente negativa porque incapaz de expressar o ser em si das coisas. Não é surpreendente que por ser a constituição da linguagem necessariamente negativa lhe seja impossível discursar sobre a verdade. Esta não é objeto do discurso e sim da vivência, pois o discurso é insuficiente no estabelecimento do que as coisas são, muito embora seja eficiente na enunciação daquilo que não satisfaz o homem, daquilo que as coisas não são e daquilo que o homem deseja. O conteúdo da linguagem é constituído pela negação das coisas.

A linguagem está perpassada por essa lógica da negação, bem como o homem na medida em que em sua insatisfação busca modificar as coisas. Ele não é ser que sabe, pois saber implica dizer o que as coisas são (e disso o homem e seu discurso não são capazes). Ele é *homo faber* porque dotado do fazer modificador/negador da natureza, pois sendo o homem “ser que não é o que é”, a razão do qual é dotado é negação de tudo que é em sua

¹¹ Cf. HEGEL. *Fenomenologia do Espírito parte I*. Petrópolis: Vozes, 1992, p.64.

¹² WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p.17.

imediatividade e ele, descontente com o que é e por isso intenta a transformação do que é. A definição weiliana de *linguagem razoável* imbrica-se com essa transformação negadora da natureza enquanto o que é:

Ser razoável significa: ser capaz de realizar sua própria negatividade, não apenas dizer não àquilo que é, mas produzir daquilo que é o que ainda não era, um novo objeto, um novo procedimento, ambos liberados daquilo que era incômodo na coisa e no modo de transformação oferecidos pela natureza¹⁶⁵.

Se o homem é um ser descontente que nega aquilo que é visando modificar sua condição de descontentamento, não se pode partir de uma definição exata deste como ser que sabe e sim como ser do fazer, da atividade transformadora movida pela insatisfação, do fazer-se. Esse homem que nega o que é pela técnica e pela linguagem o faz enquanto sempre descontente. Tal descontentamento expressa-se até na forma constitutiva da linguagem, essencialmente negadora e na necessidade do homem, em vista do contentamento modificar a si, produzir o que ainda não foi produzido, poder ser identificado como *homo faber*.

Essa razão caracterizadora do homem é razão negativa, cabendo ao filósofo vislumbrar a possibilidade de discursar coerentemente sobre esse homem e essa razão. Seu dizer é negação da negação. É na capacidade do filósofo de discorrer sobre o caráter do homem e no ímpeto deste que reside o contentamento (que, ao conhecer o caráter que lhe é atribuído, descontenta-se e busca modificá-lo, pois ele visa modificar todo dado apresentado, inclusive a apresentação conceitual de si). Este contentar-se repousa na capacidade modificadora daquilo que descontenta, não na modificação em si. Para melhor explicitar, a linguagem do filósofo permite a ele essa experiência: a razão enquanto negatividade propicia ao homem negar o que o descontenta e contentar-se não

¹³ WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p.17.

com a modificação posterior ao descontentamento, mas com a potência de negar o que descontenta, de nunca encerrar-se de maneira irreversível numa condição insatisfatória (a própria insatisfação é o motor da sua transformação), o dizer que consiste a negação da negação.

A razoabilidade do homem repousa nessa capacidade negadora da negação, que produz o contentamento por uma espécie de superação do círculo vicioso do descontentar-se, modificar, conhecer o modificado e descontentar-se de novo; ela é libertadora não daquilo que incomoda, mas da perturbação interior de se compreender natureza negadora, descontente. A linguagem do filósofo enquanto negação da negação é o que permite o desprendimento do que nada afirma, que permite ao homem não apenas ser razoável, mas reconhecer-se como razão enquanto contentamento, pois ultrapassa a angústia oriunda do desejo (de transformar o que o descontenta) que escraviza.

(...) o homem só é *homo faber* para se tornar *homo theoreticus*, ser que vê, ser a quem é revelado o que é na presença, ser que alcança o *nunc stans*, a verdadeira eternidade que não é duração infinita do que não dura, mas a visão que apreende o todo em sua unidade: não é por fraqueza, é por força transcendente que essa visão está além da linguagem, sempre negativa e negadora – que ela é indizível¹⁶⁶.

Homem enquanto violência

O discurso filosófico é aquele que, debruçando-se sobre suas problemáticas fundamentais não abandona a coerência, reconhecendo-se não como discurso da sabedoria (este, segundo Weil, não é possível, todo filósofo o sabe), mas como

¹⁴ WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p. 23.

preâmbulo para ela, como negação da negatividade que visa atingir o *contentamento*¹⁶⁷. A condução do homem ao *contentamento* ou *razão* não passa pela pretensão de dizer o que o homem é, mas pelo reconhecimento do caráter de negatividade próprio dos discursos compromissados com esse contentamento, por isso mesmo não se insinua a tratar de forma precisa e objetiva daquilo que a linguagem não dá conta. Essa é característica do discurso do filósofo ainda segundo Weil na *Lógica da Filosofia*: a busca do contentamento.

Notadamente, o homem comum atribui ao filósofo a capacidade de pensar e projetar uma realidade extramundana, apartada das questões cotidianas e a busca pelo contentamento da qual todo homem é (ou deveria ser) partícipe. Subjaz a essa forma de pensar a crença de que o saber do filósofo, tão razoável e coerente é inapropriado para a esfera comum da existência, por ele sumariamente desconhecida. E se o homem comum silencia a necessidade de externar sua percepção da profunda condição de separação entre o discurso do filósofo e as questões realmente significativas para a vida comum é porque reconhece a capacidade deste de argumentar e convencer, capacidade essa que lhe tira a possibilidade de ao menos interessar-se em dialogar ao mesmo tempo em que o inclina a escarnecer do filósofo.

[...] o homem que assim qualifica a si mesmo de *comum* fica muito constrangido se lhe for pedido para completar sua frase e formular claramente o que existe – para falar como ele – por trás de sua idéia. Na verdade, disso que lhe parecerão curioso no caso do filósofo ele não tem a menor idéia e não poderia, portanto, expô-la; mas ele não deixa de conhecer sua fraqueza: o outro é inteligente, sabe se expressar, é melhor não tentar contradizê-lo, ele é bom demais no assunto e acabará sempre por lhe mostrar que você está errado. Mas, no fim das contas, [...] tudo aquilo que o filósofo diz tão bem talvez seja muito bom para o filósofo, mas não tem importância alguma para

¹⁵ Ibidem., p. 24.

a vida comum.¹⁶⁸

Apesar da posse em certo grau do discurso coerente, o homem comum desconhece a *posse* da razão presente no discurso filosófico e pior ainda, por mais que o filósofo deseje participar-lhe dessa instância discursiva, por mais que seja capaz de convencê-lo, o homem comum se nega a tal possibilidade. A essa negação Weil se refere como “muro de civilidade¹⁶⁹” e aqui identifica o prelúdio do isolamento do filósofo, ainda que nele se insinue a necessidade de ir ao homem comum, de com ele de alguma forma compartilhar a possibilidade de seguir no caminho do contentamento.

Se o homem comum em nada se interessa pelo discurso do filósofo, não titubeia em utilizar-se de seus esforços intelectivos transfigurados na ciência. E claro que para ela o filósofo se volta com certo orgulho, mas sabe que tal razão (a científica) já não porta as implicações do saber teórico e se presta a outros fins, aliás, subsiste em função de fins que há muito se distanciaram do contentamento. A verdade é que a contribuição do filósofo para o mundo dito comum é imensa e ainda assim passa despercebida porque a necessidade de se prender a imediatividade da vida priva o homem comum de apreender tão significativo detalhe.

A disparidade entre *mundo da vida* e *mundo filosófico* termina por afastar o homem comum dos objetos reconhecidamente filosóficos, afastá-lo até da possibilidade de mínima interação com tais objetos. Há para ele a possibilidade de ser filósofo e ainda que não queira, a razoabilidade se faz presente em seu mundo mesmo sem essa conversão, pois que ele a aprendeu com o filósofo. Mas a razoabilidade presente aqui não tem o mesmo sentido que lhe atribui o filósofo. É a razão voltada para a dimensão prática da vida, que mesmo oriunda da antiga exigência filosófica de demonstrabilidade e de certeza, enquanto razão científica manifesta uma preocupação genuína não com o

¹⁶ Cf. WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p. 25.

¹⁷ *Ibidem*, p. 25.

alcance mais perfeito da dimensão racional do homem, mas com a dominação, a perpetuação do descontentamento e a produção de engenhos de guerra e de morte.

Mas eles foram dolorosamente surpreendidos, e continuam a sê-lo após tantos séculos, ao constatar que os homens demonstram um vivo interesse pela geometria, não porque ela permite ao animal razoável tornar-se cada vez menos animal e cada vez mais razoável, mas porque ela lhes permite construir máquinas de guerra; que eles avidamente acompanham os progressos do conhecimento do homem, mas deforma alguma no intuito de se desprender daquela existência humanamente natural, mas porque, muito pelo contrário, esse conhecimento das leis da vida humana deve ajudá-los a dominar o homem por meio de suas paixões e de suas reações inconscientes, ajudá-los a permanecer eles também, passionais e inconscientes, apenas mais fortes e mais hábeis na perseguição dos fins que para eles, são evidentes, mas para o filósofo, são menos razoáveis¹⁷⁰.

Weil ainda reconhece como oriunda desse afastamento a contraposição entre dois tipos de razão: a *razoável* e a *delirante*. A esta segunda toda atenção cuidadosa e policiada deve ser despedida já que por vezes ela figura como depreendida daquela razão que o homem comum tanto aprecia e vê utilidade ao mesmo tempo em que a recusa e escarnece. Ressaltemos que a possibilidade do dizer filosófico está calcada na existência do homem comum, pois é porque este a nega que o filósofo tem um objeto sobre o qual se debruçar. A filosofia depende desse movimento primitivo, negador da negação que, como já outrora ressaltado, constitui a essência da linguagem. A negação do homem comum é de certa forma o móbil das articulações do filósofo e estas propiciam ao homem comum a possibilidade de negar-se ao diálogo com o outro. É uma relação intrincada, dialética, que põe o mundo de ambos em movimento.

No mundo de ambos se faz presente o desejo, desejo de superar a negatividade e alcançar o contentamento, desejo de atingir os fins almejados do ponto de vista do mundo

¹⁸ Cf. WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p.29.

comum. Para cada um dos mundos o desejo tem um sentido diferente e o desejo cuja satisfação é orientada por uma *razão delirante* é desejo ilegítimo ao menos do ponto de vista do filósofo. Como a configuração de desejo ancorada na perspectiva do homem comum traz outra acepção, é fácil deduzir a discordância ente ela e a concepção filosófica. É possível, no embate argumentativo sobre o que torna o desejo válido, o filósofo ver-se obrigado ou optar por silenciar, a negar-se a discursar tal como o homem comum se nega a ouvir seu discurso. Essa negação do discurso coerente consiste na *violência*. Nessa recusa, condena-se a sujeição ao sempre presente descontentamento, enquanto o filósofo e seu bálsamo são ceifados da possibilidade de agirem como farmacêutico e fármaco curativos da insatisfação humana.

Isolando-se, seu discurso converte-se em solilóquio e ele dirige-se apenas a si ou aos poucos que o procuram em vista de sanar-se da doença do descontentamento. Deve ele ser indiferente aos demais, ignorando que sua recusa originária da ignorância em relação ao discurso filosófico condena o homem comum ao descontentamento? Como, se a matéria da filosofia é justamente o indivíduo que se nega e que nega o conhecimento em última instância do que seja a razão? É do homem enquanto negação que o discurso filosófico depende enquanto negação da negação, não podendo dele furtar-se. Mas aqui o filósofo já assimila um mérito, pois

(...) o homem da vida cotidiana e comum dá a entender ao filósofo que este o aborrece e que ele tem coisas mais urgentes por fazer, isto é, por viver, em vez de se preparar incessantemente para ser. Mas o filósofo devia ver nessa declaração reconhecimento de sua própria influência: sem ele e o seu discurso o homem que não quer filosofia para si jamais teria podido declarar o que ele acaba de dizer, porque estaria imerso em sua vida e essa vida não seria visível¹⁷¹.

O homem comum, devedor do filósofo enquanto capaz de uso da razoabilidade teme a

¹⁹ WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012, p.27.

ideia de contentamento apresentada pelo filósofo porque a identifica com a cessação dos desejos, com um estado interior dominado por uma espécie de *ataraxia* indiferente aos ímpetos que lhe figuram como forças motrizes de sua existência. O que é a vida sem desejos? Sem satisfações? É existência absolutamente desapaixonada, inerte e inócua como existência dos não viventes.

Mas homem comum e filósofo, na medida em que são contraditórios em suas pretensões são complementares: um permite ao outro pensar-se enquanto tal, um sem o outro seria incapaz de refletir o que é e escolher o que quer ser. A ambos é permitido perceberem-se como possibilidade, muito embora sobre o filósofo deva incidir a preocupação com a preponderância da razão voltada para a vida nos termos anteriormente apresentados.

Filósofo e homem comum têm débitos um para com o outro. Mas sendo a filosofia o discurso coerente por excelência, apesar de haver coerência nos demais discursos, a recusa do discurso cuja máxima preocupação é o contentamento do homem só pode ser compreendido como *violência* contra o próprio homem.

Considerações finais

Neste empreendemos apresentar a concepção antropológica weiliana. Para isso fez-se necessária uma articulação entre os conceitos de razão e violência, conceitos chave para o entendimento do fenômeno humano apresentados na obra *Lógica da Filosofia*. Notamos que Weil aponta já de início uma dificuldade para a articulação de definição do homem, tendo em vista a polissemia que envolve o termo homem na acepção de diferentes discursos. Weil fixa-se no âmbito da filosofia e articula sua definição identificando como próprio do homem a razão, mas que há quem a use com rigor e coerência, o filósofo, e quem não faça esse tipo de uso. Sendo assim, no entender de Weil

o conceito do humano observa não uma univocidade, mas atenta para duas possibilidades: o uso sistemático e coerente da razão, entendido como razoabilidade e a recusa da razão, a violência.

Segundo a argumentação de Eric Weil, percebemos que o homem não pode ser compreendido apenas como razão, uma vez que na facticidade do mundo sua característica até então pretendida como fundamental, *animal racional*, falha na condução do agir humano, falha enquanto marcadamente presente e de forma uniforme em todos os pertencentes do gênero. Nele está essa razão como potência, muito embora ele tenha a possibilidade de recusar a razoabilidade do discurso coerente em prol de outros interesses desvencilhados da plenitude do contentamento humano.

O homem weiliano é razão e violência na medida em que se porta como capaz de optar ou não pelo guia da razoabilidade e da saída da esfera da negação e do descontentamento, capaz de negar a razoabilidade e converter-se em ser norteadado pela *violência* (pois é nisso que para Weil ela consiste) cabendo a ele decidir se será norteadado pela coerência ou pela negação dela. Porém a busca de sua plenitude depende da aceitação da opção da razão como *conditio sine qua non* para tal propósito.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Metafísica vols. I, II, III*. 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa, Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

BRANCO, Judikael Castelo. A condição do homem moderno no pensamento de Eric Weil. **Argumentos** Revista de Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFC. Fortaleza. jan./jun de 2014. Ano 6, n. 11, pp. 190-211.

HEGEL. *Fenomenologia do Espírito parte I*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SOARES, Marly Carvalho. *O Filósofo e o Político*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *O Filósofo e o político segundo Éric Weil*. Roma: Editrice Gregoriana, Roma, 1993.

_____. O discurso e a violência absoluta. **Argumentos** Revista de Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFC. Fortaleza. jan./jun de 2014. Ano 6, n. 11, pp. 119-134.

WEIL, Eric. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: Realizações, 2012.